



Coleção
Raízes do Futuro

16

COMUNIDADE QUILOMBOLA DO MARACUJÁ

ACAIACA - MG

História • Território • Economia e Sociedade



CRÉDITOS

Autoras e autores (Comunidade)

Gabriel dos Santos, Leonardo de Sousa Chagas, Marlene Nicolau da Silva Chagas, Marli Estevam da Silva Santos.

Equipe do Projeto Raízes do Futuro

Alice Capanema, Frederico Augusto Alves Gonçalves, Jorge Andrade, Leda Maria Benevello de Castro, Marina Fares Ferreira, Regina Campos, Ricardo Ferreira Ribeiro, Rosana Cristina Avelar.

Equipe de edição

Fotos e Mapas - Acervos Cedefes e Comunidade
Projeto Gráfico e diagramação - Derval Braga e Juliana Vaz

Diretoria do Cedefes

Alenice Maria Motta Baeta - *Presidenta*
Luci Rodrigues Espechit - *Tesoureira*
Maria Elisabete Gontijo dos Santos - *Secretária*

Impressão

Imagem Editora Gráfica
2025 - 150 exemplares

Belo Horizonte (MG), dezembro 2025

Apoio



PROJETO RAÍZES DO FUTURO

O Projeto Raízes do Futuro trabalha e valoriza a presença viva das tradições nas comunidades quilombolas de três regiões vizinhas de Minas Gerais — Alto Paraopeba, Vale do Piranga e Campo das Vertentes/Zona da Mata —, buscando, a partir desse patrimônio cultural, construir caminhos para um futuro melhor.

Cada comunidade participante indicou três representantes para integrar um ciclo de dez encontros, realizados aos finais de semana, com intervalos aproximados de 45 dias entre cada um. As reuniões aconteciam sempre nas próprias comunidades. Em cada encontro, eram apresentadas duas técnicas de Diagnóstico Rápido Participativo (DRP), que os representantes aplicavam em suas comunidades, trazendo os resultados para compartilhar no encontro seguinte.

Essas metodologias permitiram que cada grupo refletisse sobre sua história, território, recursos naturais, modos de subsistência, produção, consumo, relações internas e externas, além da organização das atividades econômicas e socioculturais ao longo do ano.

Os encontros foram concebidos como espaços de aprendizado coletivo e troca de experiências. Além das atividades formativas, aos sábados eram promovidas as Noites Culturais, organizadas pelas próprias comunidades, fortalecendo a identidade e o convívio comunitário.

No entanto, os objetivos do projeto iam além do diagnóstico. Buscava estimular ações concretas capazes de contribuir para a transformação da realidade local. Como resultado desse trabalho, várias comunidades iniciaram o processo de certificação quilombola junto à Fundação Cultural Palmares, enquanto algumas focaram na organização institucional interna e outras na articulação junto ao poder público, reivindicando melhorias na infraestrutura local.

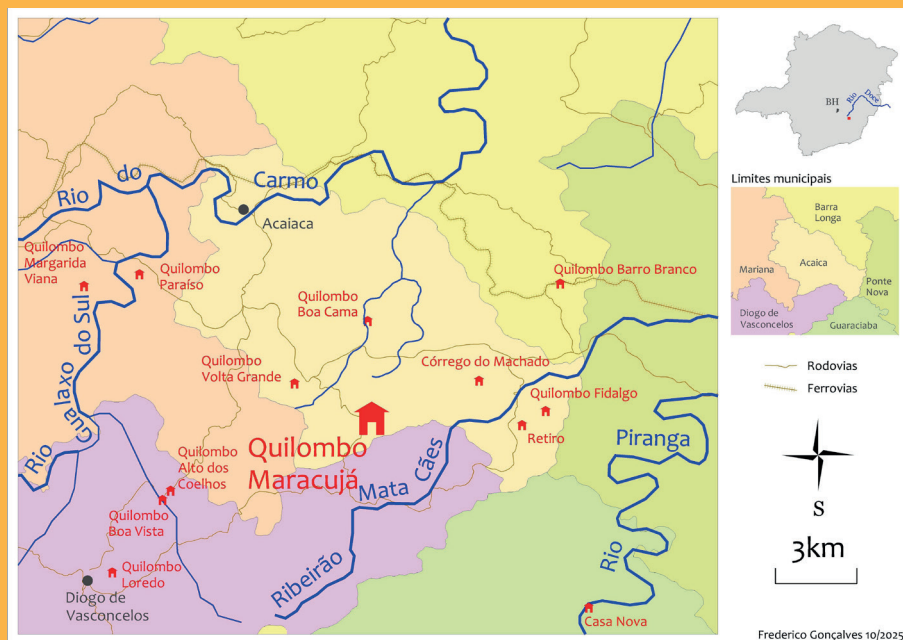
Este livreto integra a Coleção Raízes do Futuro e foi escrito pelos representantes quilombolas participantes do projeto, a partir das pesquisas que realizaram com base nas técnicas de Diagnóstico Rápido Participativo.

COMUNIDADE QUILOMBOLA DO MARACUJÁ

ACAIACA - MG

Localização da Comunidade

A comunidade do Maracujá, com 130 moradores, está localizada a 16km da sede do município de Acaiaca, na Zona da Mata, em Minas Gerais.



História

A formação da comunidade está ligada às famílias de João Alves e Eva Ambrosia (mãe Eva), pais de Agripino da Luz e avós de Elizabeth e Eunice, bem como às famílias de Antônio Pinto e Maria de Tal, pais de Antônio de Paula Pinto. Também está associado à origem da comunidade o casal José Maria e Joana da Paixão (mãe Joana), que tiveram três filhos: Pedro José Vieira, Raimundo Vieira e Maria Joana.

Ainda muito jovem, Maria Joana casou-se com Antônio de Paula Pinto, com quem teve quatro filhos: Maria Domingos, Idalina, Petrina e Antônio Mônico. Após ficar viúva, tornou-se a matriarca da família, criando os filhos em condições difíceis. Não conhecia a origem de seus antepassados e não sabia ler nem escrever, mas sempre lembrada pela sua sabedoria, generosidade e fé. Trabalhou como mucama para várias famílias abastadas da região e faleceu em 1973 sem ter registro de nascimento.

Gostava de fiar linha, preparar caruru no coité e fazer cus-cuz para acompanhar com leite de cabra. Transmitia valores religiosos e repetia que Deus recompensaria os justos no futuro e puniria os pecadores.

Um acontecimento marcante foi a venda de um terreno de Maria Joana, onde mais tarde seriam construídas a padaria e a primeira escola da cidade. Por volta de 1960, Antenor Antero comprou a propriedade oferecendo apenas um pedaço de fumo, na época equivalente a um mil reis. Antero a levou em um carro de boi até Diogo de Vasconcelos para formalizar a venda, e ela assinou o contrato com o dedo. Acaiaca foi emancipada de Mariana em 1962, no processo de emancipação, o terreno passou para o senhor José Elias Marins, que se tornaria o primeiro prefeito eleito do município de Acaiaca.

Segundo Idalina, filha de Maria Joana, após a morte do pai a família sobreviveu com ajuda de animais e de um moinho

d'água. Com o tempo, o sustento passou a vir da colheita de café, milho e cana, nas fazendas vizinhas, sempre em troca de comida, pois Maria Joana não sabia lidar com dinheiro.

A casa era de pau-a-pique e sapé, onde viviam Maria Joana e os filhos Idalina, Petrina, Maria Domingos e Antônio Mônico. Após o casamento das filhas mais velhas, Maria e Antônio foram para São Paulo em busca de trabalho.



■ Maria Joana e o irmão, Pedro José.



■ Idalina de Paula Estevão.

Dentre os personagens marcantes da comunidade destacam-se: Maria Alexandra Josefa, que morreu há quatro anos, aos 118 anos. Embora analfabeta, era reconhecida pela sabedoria e pelos benzimentos. Trabalhava em fazendas catando café e preservava tradições como histórias de lobisomem e cantigas de roda. Só consumia alimentos naturais do próprio quintal.

Francisca Cirila – Chica Picauá, nascida em 1898 e falecida em 1970, realizava batuques em seu terreiro, zelava pelos

paramentos da igreja e produzia a própria linha com algodão plantado por ela. Era considerada muito inteligente.

Pedro José Vieira - tio Pedro, irmão de Maria Joana, nasceu em 1865 e faleceu em 1979, aos 114 anos. Trabalhador e sábio, ensinava os jovens a dançar Caxambu. Adorava pescar e caçar, já que a carne era difícil de obter.

Outro foi o curandeiro Cipriano, proprietário de terras e de um engenho, era conhecido como benzedor e raizeiro. Preparava chás e remédios naturais. Foi pai de João do Rosário, que doou o terreno onde hoje está a igreja.

As primeiras casas — de João Alves, Antônio Paula Pinto e Cipriano — eram de telha de barro, assoalho, parte de pau-a-pique e adobe. Depois que eles morreram tudo foi dividido, trocado. A economia era baseada em trocas: colhia-se café nas fazendas e recebia-se comida. Muitas famílias plantavam, mas os fazendeiros descontavam dívidas na produção, impedindo que levassem mantimentos para casa.

As diversões aconteciam ao fim do dia, com danças, batuques e rezas. Missas eram raras, pois a comunidade ainda não tinha igreja. O nome “Maracujá” teria surgido de um ponto de troca situado debaixo de uma parreira de maracujá nativo, onde tropeiros paravam vindos de Barro Branco, Ponte Nova e Furquim.

Entre 1945 e 1950, o padre Joaquim sugeriu a instalação de uma grande cruz em terreno doado por João do Rosário. A cruz, de braúna e com mais de 10 metros, passou a ser ponto de missas e casamentos. Cerca de 15 anos atrás, foi reduzida e colocada em frente à igreja, onde permanece como símbolo religioso da comunidade. Antes mesmo disso, por volta de 1928, padres jesuítas já celebravam sacramentos nas casas, com apoio de fazendeiros que forneciam cavalos para o transporte.

A primeira Escola Rural de Maracujá foi fundada na década de 1960 pela professora Elizabeth Gonçalves Reis, neta de

João Alves. Construída em mutirão, alfabetizou cerca de oitenta por cento das pessoas que hoje têm mais de 60 anos. Posteriormente, sua irmã Eunice assumiu como professora aos 15 anos. Também foram professoras a Dona Efigênia (Nini) e a Maria José, que lecionou para o Movimento Brasileiro de Alfabetização - MOBRAL.



■ Elizabeth Gonçalves Reis, primeira professora da comunidade quilombola do Maracujá.

A escola funcionou até 1976, atendendo crianças e adultos por meio do Mobral. Na sequência, Elizabeth estudou em Mariana e continuou ensinando na comunidade. A maior parte dos moradores estudou ali, enquanto outros frequentaram a escola da vizinha Bela Vista. Os professores eram voluntários. Durante as campanhas eleitorais os políticos doavam uma mistura de soja e fubá para ser usada como merenda escolar.

Com a exigência de formação docente, algumas crianças passaram a estudar em Palmeira de Fora. Na década de 1980,

um novo prédio escolar foi construído, atendendo até 2002. Até 2007 o prédio abrigou o EJA – Educação de Jovens e Adultos. Em 2008, a Associação de Produtores Rurais e Artesãos de Acaiaca (AAPRA) também passou a funcionar neste prédio.



■ Edifícios do EJA e da COOAPRA.

A AAPRA nasceu para organizar as vendas ao PNAE – Programa Nacional de Alimentação Escolar e ao PAA – Programa de Aquisição de Alimentos e também para captar recursos para padaria, moradias, máquinas e fortalecimento da agricultura familiar. Em 2016, tornou-se a Cooperativa da Agricultura Familiar Solidária de Acaiaca – COOAPRA, que nasceu da Comissão de Mulheres e do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Acaiaca. A COOAPRA é gerida por um grupo de mulheres.

Projetos com apoio do CTA, BNDES, Cáritas, Petrobrás e da prefeitura possibilitaram a construção de uma panificadora. Esse avanço contou com a participação de Dorvalina, que escreveu o projeto de construção de uma panificadora dentro do PPJ – Projeto Profissional dos Jovens. Para a realização

destes projetos foi fundamental a contribuição e a liderança de João do Carmo Macedo, conhecido como Padre João, e de Gilmar Tito, conhecido como Gilmar Trem e Gilmar da EFA. Eles foram fundamentais no processo de conscientização da comunidade para buscar os seus direitos. Padre João foi prefeito de Acaiaca em dois mandatos: o primeiro de 2001 a 2004 e o segundo de 2009 a 2012.



■ Padre João do Carmo Macedo.

O êxodo rural das décadas de 1960 e 1970 quase extinguiu a comunidade, mas hoje o cenário é oposto: falta mão de obra. Jovens estudam em cidades próximas e retornam diariamente ou nos fins de semana. Muitas famílias estão voltando a morar em Maracujá. O prefeito negro Antônio Machado, na década de 1980, foi fundamental nessa reconstrução, abrindo estradas, pontes, escolas, posto de saúde e trazendo a eletrificação rural.

Fazem parte da área tradicional de Maracujá as comunidades de Carrapato, Pedreira, Anta, Teixeira, Mendes e Bela Vista. Todas possuem laços familiares diretos com Maracujá e se formaram a partir da migração interna de seus habitantes.

A principal atividade econômica por décadas foi o cultivo manual de arroz, introduzido por João Canso, pai de Fulô (Florentino Caetano), que trouxe para a região as sementes de arroz e feijão. O ciclo durou de 1960 a 2006. O cultivo desapareceu devido ao envelhecimento dos produtores e ao ataque de capivaras.

Hoje, a comunidade compra itens básicos em Acaiaca, Ponte Nova e Diogo de Vasconcelos. Em contrapartida, produz e vende leite, queijo, cana, rapadura, hortaliças, frutas, carnes, ovos, quitandas, farinha, plantas medicinais, além da mão de obra local. Esses produtos seguem para a Acaiaca, Palmeira de Fora, Boa Cama, Mariana, Ponte Nova e até Belo Horizonte.

Território

A comunidade sempre foi marcada por extensa mata nativa, rica em madeira de lei como braúna e pau-brasil, utilizada para produção de carvão e construção. Com o tempo, as matas foram reduzidas, mas ainda há áreas preservadas, apesar da pressão imobiliária e da expansão da pecuária. Pequenos proprietários preservam áreas verdes, nascentes e a fauna local.

Recursos naturais como bambu, taquara, argilas coloridas, mandacaru, taboa e coité eram usados para construção, artesanato, utensílios, sabão e alimentos. Com a cana de açúcar fazia-se melado. Esses costumes ainda influenciam o modo de vida atual.

Os moradores da comunidade trabalhavam nas fazendas e engenhos da região. Plantavam cana e milho, colhiam café, produziam cachaça e rapadura e cuidavam das tropas. Algumas mulheres atuavam como mucamas, parteiras ou sinhás.

Os locais de plantio, coleta de frutas e extração de matérias-primas ficavam quase sempre dentro das fazendas. Quem possuía apenas um pequeno espaço para morar não tinha acesso a sementes e, por isso, trabalhava para os fazendeiros em troca de comida.

Antes, a comunidade utilizava amplamente os recursos naturais para suprir suas necessidades: construía casas, paióis, moinhos d'água, carros de boi, carroças, móveis, cercas, galinheiros e produzia tábuas. Atualmente, o uso da água é intenso e, às vezes, ocorre desperdício, embora o problema seja atenuado pela predominância de pequenas propriedades. O Ribeirão Maracujá sempre teve grande importância: abastecia famílias, alimentava moinhos que moíam milho e também servia para lazer e pesca.

A comunidade dispõe de um posto de saúde, com atendimento médico semanal e coleta de sangue. Na área da educação, crianças e jovens estudam na Escola Carmelita, na Palmeira de Fora, ou em escolas estaduais na cidade de Acaiaca (EFAP). Alguns moradores ingressam em faculdades em Ponte Nova, Viçosa e Ouro Preto.



■ Marli Estevam da Silva Santos na capina do milho.

Economia e Sociedade

Atualmente, a água consumida pela comunidade vem de um poço artesiano mantido pela Prefeitura. A maioria das famílias possui cisternas como alternativa, principalmente quando surgem problemas no abastecimento. Antigamente, a água vinha de minas e bicas, usadas para cozinhar, lavar roupas, regar hortas e dar água aos animais. Cada família tinha sua bica d'água, mas não havia banheiros, e o banho era tomado em bacias.

A água hoje vem de um poço artesiano mantido pela prefeitura, complementado por cisternas familiares. Antigamente, buscava-se água nas bicas, e os banhos eram tomados na bacia.

As atividades anuais incluem missas, terços, novenas, colheitas, plantios, entregas da merenda escolar, reuniões da cooperativa e festividades religiosas. O calendário organizado e apresentado no encontro de formação do Projeto Raízes do Futuro por Marli e Dona Marlene, registra mês a mês rezas, eventos comunitários, colheitas, festivais, campeonatos, entregas ao PNAE e ao PAA, mutirões e celebrações tradicionais.

Janeiro — Missa, férias escolares, colheita de manga e milho verde. Homens e mulheres participam juntos das novenas de São Sebastião nas comunidades vizinhas. Há reuniões dos produtores da cooperativa e entrega de leite e queijo.

Fevereiro — Missa, terço nas sextas-feiras, início do plantio de hortaliças e feijão. Homens e mulheres participam do campeonato de truco e da ensilagem. As aulas recomeçam e começam as entregas do PNAE e PAA para escolas e para o CRAS. Também ocorrem campeonatos de futebol e o Jubileu de São Gonçalo.

Março — Missa no primeiro sábado, Quarta-feira de Cinzas, terço às sextas, continuidade do plantio. Comemoração do aniversário de Gilmar e entrega de leite. A merenda escolar é

entregue todas as segundas-feiras. A comunidade ainda participa da novena de São José do Barro Branco.

Abril – Missa e a Semana Santa, que tem a procissão de Ramos e a Procissão do Encontro, que é celebrada com a comunidade de Bela Vista. E tem, ainda, a via sacra ao vivo. Vacinação dos cães pelos agentes de zoonoses, inicia a colheita de frutas, laranja para a merenda e participação em novenas de Nossa Senhora de Fátima e Mãe Rainha.

Mai — Missa, encontro da Mãe Rainha e festa da padroeira Nossa Senhora de Fátima. Continuidade da reza do terço dos homens e das famílias, todas as sextas-feiras e da entrega de leite. Colheita de milho, laranja, inhame, araruta e açafrão. Participação na novena de Nossa Senhora Auxiliadora de Matipó, Barra Longa. Recepção da Folia de Reis e da Sagrada Família.

Junho — Missa, terço, entrega de merenda e colheita de milho, feijão, mexericas e outras frutas. Reunião dos agricultores.

Julho — Missa, festa das avós, férias escolares e coqueiral no Cantinho São Francisco. Participação na novena de Nossa Senhora do Rosário em Bela Vista e início das podas

Agosto — Missa, terço, festa dos pais, encontro de cavaleiros, festival gastronômico, entrega de merenda, colheita de alho e cebola, início do plantio de quiabo e podas.

Setembro — Missa, terço, participação na novena de São Vicente em Matacões, entrega de merenda e preparo da terra. Cultivo de alho, cebola e planta-cabra.

Outubro — Missa, terço, Caminhada da Paz em Matacões, festa das crianças e participação em novenas de Nossa Senhora Aparecida. Venda de cestas de quitanda para professores da rede municipal e estadual.

Novembro — Missa, terço semanal, encontrão do terço dos homens e das famílias. Plantio de milho, feijão e amendoim,

início da colheita de jabuticaba e reunião comunitária. Entregas de leite e merenda continuam.

Dezembro — Missa, terço, Novena de Natal, continuidade dos plantios e das entregas. Participação na novena de Santa Luzia em várias localidades. O mês encerra com a última reunião da Coopra e a produção de cestas de quitanda destinadas ao funcionalismo público de Acaiaca.



■ Calendário Sazonal da Comunidade Quilombola do Maracujá.

A comunidade tem se mobilizado para discutir melhorias locais e fortalecer sua organização. Um dos pontos centrais é a autodefinição quilombola, entendida como uma etapa essencial para afirmar a própria história, a ancestralidade e os direitos da comunidade. As discussões também envolvem valorização cultural e acesso a políticas públicas, reforçando a identidade coletiva e o compromisso com suas lutas históricas.■

CEDEFES 40 anos de História

O Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva - CEDEFES é uma entidade privada, sem fins lucrativos, de âmbito estadual, fundada em 1985 por um grupo de professores, sindicalistas e religiosos. O nome é uma homenagem a Eloy Ferreira da Silva, trabalhador do campo e sindicalista no município de São Francisco, Minas Gerais, assassinado por grileiros em 16 de dezembro de 1984.

O objetivo do CEDEFES é promover a informação e educação popular, documentar, arquivar, assessorar, elaborar projetos, pesquisar e publicar obras de interesse dos povos tradicionais e dos movimentos sociais, fortalecendo as suas lutas, organização, articulação e conquista de direitos.

Suas atividades são mantidas, essencialmente, pelo trabalho voluntário dos sócios e colaboradores e uma parceria consolidada ao longo de vinte e dois anos com a entidade de cooperação internacional alemã Misereor e com o KMB, da Áustria.

A entidade tem o apoio também das Irmãs Sacramentinas de Nossa Senhora, que abrigam a organização há 17 anos, e dos irmãos Maristas e Franciscanos, que ajudam em situações específicas. Além disso, desenvolve projetos relevantes em parceria com Ministério Público de Minas Gerais.

No ano 2000, durante o Seminário “500 Anos de Resistência Negra no Brasil: os Remanescentes de Quilombo e Outras Experiências”, representantes de movimentos negros de Minas Gerais pediram para o CEDEFES atuar junto às comunidades quilombolas do Estado.

Desde então, entre 2003 e 2022, o CEDEFES conduziu sete projetos de apoio às comunidades quilombolas, em várias regiões de Minas Gerais. Seguindo essa caminhada, em 2023, teve início o projeto “Raízes do Futuro”, o oitavo projeto quilombola fruto da parceria CEDEFES / MISEREOR / KMB. Esta coleção de livretos é um dos resultados deste projeto.